

## **Periódico Científico como fonte para História das Ciências no Brasil: a Revista Brasileira de Psicanálise (1976)**

**Roger Marcelo Martins Gomes<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

A partir da década de 1970, os historiadores da História das Ciências tem buscado e ampliado a gama de fontes para discutir as práticas científicas no Brasil. Textos científicos, documentos institucionais e governamentais, revistas e periódicos ganham o interesse desses historiadores. Neste texto, buscamos mostrar parte da discussão da pesquisa de doutorado ainda em andamento que realizamos na pós-graduação da Unesp Assis, demonstraremos como os periódicos científicos tornaram-se um manancial para a pesquisa em História das Ciências enquanto atividade científica e não apenas um debate teórico. Mostraremos, especificamente, a RBP (*Revista Brasileira de Psicanálise*) que nos permite uma investigação minuciosa das produções teóricas, das políticas científicas, das atividades científicas do movimento psicanalítico brasileiro.

Escolhemos para esta discussão presente os quatro números do volume X da *Revista Brasileira de Psicanálise*<sup>2</sup>. Trata-se do Volume comemorativo dos 10 anos de existência da Revista, em 1976. Nele encontramos um rico debate sobre a história da revista, teoria psicanalítica, psicanálise aplicada e os acontecimentos do movimento psicanalítico brasileiro. É a partir desses dados que buscaremos apontar a instigante possibilidade de pesquisa que a RBP nos oferta no campo das ciências Psi (Psicanálise, Psiquiatria e Psicologia). A sua constituição enquanto periódico científico, permite-nos verificar não apenas a produção teórica de uma ciência, o que em si, já nos permitiria infindáveis pesquisas, como também nos revela uma rica constituição de práticas e atividades clínicas, profissionais e culturais, assim como encontros e reuniões realizadas por psicanalistas, psicólogos, psiquiatras e médicos.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História da Cultura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de História. Prof. Me. de História Contemporânea da Universidade do Sagrado Coração. E-mail: [roger.monsarros@gmail.com](mailto:roger.monsarros@gmail.com)

<sup>2</sup> Desde sua fundação, a RBP é publicada anualmente como um volume, mas em quatro números, tendo, portanto, uma periodicidade trimestral.

A partir do final do século XX, a História da Ciência e a escrita da História por meio da imprensa científica tem adquirido espaço entre os pesquisadores e historiadores que contribuem significativamente para o avanço de pesquisas neste campo.<sup>3</sup> Mas como podemos dilatar ainda mais os estudos e pesquisas no campo da História da Ciência? Como dar lugar aos periódicos científicos na historiografia brasileira? Propomos fazer uma breve discussão sobre a RBP, exemplo de periódico das Ciências Psi.

## **A REVISTA CIENTÍFICA NO BRASIL**

Na historiografia brasileira, a história do periódico científico ainda se mantém incipiente e com fortes perspectivas de crescimento. O que se tem escrito e produzido sobre periódicos científicos vem dos estudos da área de informação e comunicação e não especificamente dos estudos dos historiadores propriamente dito. Comumente os textos escritos sobre a história dos periódicos científicos, situa-os numa perspectiva historicista e evolutiva da história do Brasil. A história segue, nesta abordagem, a periodização clássica de Brasil Colônia, Império e República.

Partindo do período colonial com as primeiras publicações de caráter científico, como *História Universalis Brasilis* de 1648, período holandês no Brasil, vão até o período joanino quando o conhecimento científico chega ao país pelo impresso, jornais, revistas, periódicos nacionais e importados. Após a independência, período imperial, proliferaram as instituições que fortaleceram a história das ciências, no âmbito teórico e das práticas, entre as revistas de informação científica podemos citar *Miscelânea Científica* (1835), *Nictheroy* (1836) e *Minerva Braziliense em 1843* (CARVALHO, 2011:32). Toda a ênfase é dada por esta escrita historicista ao início e final do século XX. O começo do século XX foi marcado pelo desafio de um novo regime político, por grandes debates sobre cultura e ciência e pela ideia de universidade como lugar da ciência. Nesse contexto de mudanças, fundou-se a *Academia Brasileira de Ciências* em 1916 vinculada ao Instituto Brasileiro de Alta Cultura e surgiu a *Revista Brasileira de Ciências* em 1918.

---

<sup>3</sup> Podemos citar os seguintes trabalhos que contribuíram nesta área: FERREIRA, Luiz Otávio. O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX. 1996. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; São Paulo: FFLCH/USP. SILVA, Maria Regina Barros da. Periódicos médicos em São Paulo entre 1889 e 1950. In: Yara Nogueira Monteiro (organizadora). História da Saúde: olhares e veredas. São Paulo: Instituto da Saúde, 2010.

*A Revista brasileira de Ciências circulou em 1918 e teve o seu formato a partir de 1920 com o novo título, Revista de Ciências e com periodicidade irregular, com interrupção entre os anos 1923 a 1925, retornando em 1926. Nesse ano a revista publica a conferência de Albert Einstein, em seção de 6 de maio de 1925, intitulada “observações sobre a Situação Atual da Teoria da Luz”, de grande sucesso nos círculos científicos. (CARVALHO, 2011:34)*

Para Carvalho (2011), a presença do Einstein no Rio de Janeiro contribuiu para o enfraquecimento da teoria de Auguste Comte tão prestigiada na época e fortaleceu a ideia de criação de um modelo universitário como campo para pesquisas e a ciências, tendo a *Revista de Ciências* colaborado para divulgação dessa ideia. Segundo a historiografia historicista, nas décadas de 20, 30 e 40, as revistas foram beneficiadas pela modernização do parque gráfico e das renovações técnicas e tecnológicas voltadas para a impressão gráfica no país.

*Apareceram as revistas informativas e revistas dedicadas ao público feminino sobre assuntos de interesse da família e da mulher, com ensinamentos sobre medicamentos populares e farmacêuticos, anúncios de laboratórios, introduzindo formas de popularização da ciência médica. (CARVALHO, 2011:33)*

Nas décadas de 50, 60 e 70, ressalta-se a ampliação de contatos entre cientistas de diferentes países em condições de igualdade graças as revistas científicas voltadas para a difusão e informação do conhecimento científico. Entretanto, no Brasil, este estímulo se deu a partir de organismos que estimularam a produção científica.<sup>4</sup> Entre muitas revistas científicas que surgiram neste contexto, a *Revista Brasileira de Psicanálise* ressurgida em 1967, escolhida como objeto de pesquisa neste trabalho, permite-nos descrever, a título de exemplo, como um periódico científico pode nos dar condições para entender a ciência enquanto atividade científica muito mais que uma teoria científica e como se constrói o saber científico num determinado local, a realidade científica brasileira.

## **A REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**

---

<sup>4</sup> São eles: Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Academia Brasileira de Ciências, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Fundada em 1928, a RPB teve sua publicação contínua e consolidada somente a partir de seu ressurgimento em 1967, quando os psicanalistas afirmavam a consolidação da psicanálise brasileira como ciência adulta e madura. No início do século XX, como dissemos, há uma rica e diversificada produção e publicação de conhecimento científico brasileiro. A historiadora Márcia Regina Barros da Silva, nos dá condições de perceber essa efervescência de produção e publicação em seus estudos sobre periódicos médicos. No estudo desta pesquisadora, podemos ainda confirmar como a publicação de periódicos no campo das ciências Psi, ainda estavam vinculados ao campo da medicina.

No estudo de Silva (2010), foram enfocadas revistas paulistas de uma periodização que abrange os anos de 1889 a 1950, tais publicações foram divididas em três grupos e acompanhadas do início da circulação até o ano de 2003.<sup>5</sup> Podemos identificar que periódicos com títulos e conteúdos diretamente ligados a saúde mental e a área Psi aparecem associados às outras áreas. No primeiro grupo de publicações de 1889 a 1912, não há periódicos que se referissem a área Psi em seus títulos, somente no segundo grupo entre 1913 a 1933 apareceram publicações, dentre elas se destacam: *Memórias do Hospital Juquery* de 1925 e *Arquivos Brasileiros de Hygiene Mental* de 1928. No terceiro grupo de publicações de periódicos médicos entre 1934 e 1950, encontramos: *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo* de 1935, *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* de 1943 e *Boletim de Psicologia* Sociedade de Psicologia de São Paulo de 1949.

Se o periodismo médico ganhava forças entre 1913 a 1933, as publicações da área Psi e principalmente da Psicanálise também ganhavam fôlego. Segundo Gomes (2014), desde a primeira publicação ligada a psicanálise até a fundação da Revista de 1928, houve uma gama enorme de publicações de artigos, livros e conferências que contribuíram para a institucionalização da Psicanálise como ciência.

Em 1928, os médicos Durval Marcondes e Franco da Rocha envolvidos pelas propostas científicas da Psicanálise fundaram em São Paulo a *Revista Brasileira de Psychanalyse*, como veículo oficial do movimento psicanalítico brasileiro. Gomes (2014), aponta que os temas dessa primeira Revista eram mais ligados a temas culturais do que científicos. Assim como muitos periódicos médicos não tiveram duração contínua no início

---

<sup>5</sup> Os três grupos são apresentados no formato de tabela em que constam o título dos periódicos, a data do surgimento e a data final de circulação, os artigos veiculavam artigos e matérias sobre a temática médica e de áreas afins. Foi dividido em: Tabela 1, periódicos de 1889 a 1912; Tabela 2, periódicos de 1913 a 1933 e Tabela 3, periódicos de 1934 a 1950.



do Século XX, a primeira revista científica do Movimento Psicanalítico Brasileiro também se restringiu ao primeiro volume de 1928. Segundo Silva (2010:293), de 1894 a 1950, 10 periódicos médicos tiveram o tempo de existência de um ano e 11, tiveram o período entre 9 a 10 anos.

Segundo Gomes (2014), na historiografia do Movimento Psicanalítico Brasileiro várias razões levaram a não continuidade da RBP de 1928: a religiosidade católica e a moral conservadora da época, resistência do meio médico psiquiátrico e o público leigo às verdades psicanalíticas e principalmente as dificuldades objetivas e financeiras de divulgar e manter a revista. Entretanto, a produção, a publicação e o fazer ciência psicanalítica se davam nas décadas seguintes até o ressurgimento da Revista com institucionalização da Psicanálise brasileira em suas atividades em congressos, encontros, meios acadêmicos e universitários e, sobretudo, nas reuniões e estudos dentro das Sociedades psicanalíticas brasileiras.

O Movimento Psicanalítico brasileiro não teve receio em exaltar o ressurgimento da Revista em 1967 e de proclamar em 1976, em seus 10 anos de existência, a importância da RBP como veículo oficial da Psicanálise brasileira, momento que esta se encontraria como ciência madura. Durval Marcondes, Diretor-Presidente de 1967 a 1969, no volume X, nº 1, da RBP de 1976, afirma:

*EM CARTA QUE ME ENVIOU EM 1926 (HÁ MEIO SÉCULO, PORTANTO), Freud se refere ao meu propósito de despertar o interesse de meus patrícios para a Psicanálise, que ele chama de “nossa jovem ciência” (“unsere junge Wissenschaft”). Na verdade, ela, então, era ainda jovem e muita coisa veio a mudar no decurso do tempo. Por obra de seu criador e de seus discípulos, a Psicanálise cresceu e foi-se tornando gradativamente adulta. Hoje alcança a plena maturidade. (RBP, vol. X, nº 1, 1976:31)*

Este volume comemorativo, permite-nos captar claramente a ciência psicanalítica em ação, pois ao não se limitar em publicar artigos exclusivos sobre teoria psicanalítica, conseguimos verificar pelos diversos tipos de textos como se deu a polêmica em torno da fundação da revista, a reprodução e publicação dos debates do V Congresso Brasileiro de Psicanálise de 1975 e os “desabafos emocionais” sobre os encontros e desencontros entre os seus colaboradores

No volume X de 1976, podemos constatar pelos comentários e balanço histórico que os autores fazem dos 10 anos de existência da Revista, as dificuldades em



viabilizar as condições técnicas de sua produção, isto é, a dificuldades ligadas ao seus recursos financeiros, organização editorial e dilema de quem deveria ser seus proprietários, assim como, a dificuldade de manter um número crescente de artigos científicos. No texto “10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise” de Gecel Luzer Sztterling, Diretor-Editorial de 1969 a 1971, fica evidente essa dificuldade em conseguir novas publicações e novas ideias científicas.

*Torna-se de suma importância a receptividade de nossos colegas às novas idéias, não as refutando sem antes testá-las na sua experiência psicanalítica: trata-se de condição imprescindível, a meu ver, para o exercício da função do Diretor-Editorial, pois desta maneira poderíamos minorar as dificuldades que cada um de nós tem para observar, estudar, escrever e comunicar o novo. É mais produtivo aprovar um trabalho contendo uma ideia nova, mesmo que esta venha a ser refutada posteriormente na prática psicanalítica, do que ignorá-lo. A refutabilidade é condição básica das nossas verdades. (RBP, vol. X, nº 1, 1976:325)*

Esta fala de Gecel, permite-nos identificar a concepção de ciência que ele defende para fomentar a produção e publicação de pesquisas na Revista. Assim como ele, muitos outros psicanalistas que escreveram neste volume de 1976, dá-nos condições de verificar uma gama enorme de ideias e ações na construção da ciência psicanalítica. Neste volume, as discussões se deram sobre os seguintes temas da teoria psicanalítica: Teoria Estrutural e Elaboração. Entretanto, temas da realidade social, da profissão psicanalista e atividade clínica foram firmemente discutidos.

Para entender o discurso que a Revista tem de Ciência no campo das Ciências Psi e como se revelam as práticas e atividades do movimento psicanalítico brasileiro, sem incorrer no risco de ir buscar nos periódicos aquilo que queremos confirmar prioristicamente (CAMARGO, 1971: 226), agrupamos os artigos e textos da RBP de 1976 em três grupos – 1) Psicanálise e História; 2) Psicanálise e Teoria; 3) Psicanálise e Práticas. Na tabela que se segue, podemos observar o número de artigos e textos relacionados a esses três grupos nos quatro números do volume X de 1976.

**Tabela 1: Artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise, Vol X, 1976**

<b>Grupos</b>	<b>Psicanálise e História</b>	<b>Psicanálise e Teoria</b>	<b>Psicanálise e Prática</b>
<b>Nº 1</b>	<b>08</b>	<b>05</b>	<b>03</b>
<b>Nº 2</b>	<b>02</b>	<b>06</b>	<b>01</b>

<b>Nº 3</b>	<b>-</b>	<b>02</b>	<b>02</b>
<b>Nº 4</b>	<b>01</b>	<b>01</b>	<b>01</b>
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>07</b>

Para atender ao objetivo que propomos neste restrito espaço, limitaremos a discutir apenas o primeiro grupo de textos e artigos “Psicanálise e História”. O segundo grupo “Psicanálise e Teoria” e o terceiro “Psicanálise e Prática” poderão ser discutidos num outro momento. No grupo “Psicanálise e Teoria”, no qual encontramos apropriadamente o maior número de artigos científicos conforme a proposta de uma revista científica, há importantes discussões sobre Teoria Estrutural e Elaboração, temas que na época envolviam toda a comunidade psicanalítica, nacional e internacional. O mais instigante é que as discussões dos psicanalistas brasileiros na RBP, permite-nos verificar um “tom” brasileiro à teoria freudiana. Vejamos na tabela abaixo os temas abordados na Revista através de seus títulos.

**Tabela 2: Psicanálise e Teoria**

<b>RBP</b>	<b>Título</b>
<b>Vol. X – Nº 1</b>	<p><b>1 – Teoria Estrutural e Relações de Objeto (Gecel L. Sztterling, César A. Ottalagano, Fajga Sztterling, Felix Gimenes, Persio O. Nogueira)</b></p> <p><b>2 – Teoria Estrutural Relações de Objeto (Leão Cabernite, Antonio Dutra Jr., Oswaldo Domingues de Moraes, Gabriel A. de Miranda e Lemos)</b></p> <p><b>3 – Teoria Estrutural e Relações de Objeto (Abram J. Eksterman)</b></p> <p><b>4 – Teoria e Relações de Objeto (Germano Vollmer F.)</b></p> <p><b>5 – Teoria Estrutural e Relações de Objeto (Sínteses)</b></p>
<b>Vol. X – Nº 2</b>	<p><b>1 – A Elaboração (Thelma D. B. da Silva, Yutaka Kubo)</b></p> <p><b>2 – A Elaboração (Leão Cabernite, Inês Besouchet, Hélio Tolipan, João Coutinho de Moura)</b></p> <p><b>3 – A Elaboração (Walderedo Ismael de Oliveira, Maria Luiza Pinto, José Cândido Bastos, Roberto Bittencourt Martins)</b></p> <p><b>4 – A Elaboração (Antonio Luiz Bento Mostardeiro, Emília Pinto)</b></p>

	<p>Messias, Isaac Pechansky, Moysés Roitman)</p> <p>5 – A Elaboração (Working Through) no Processo Analítico</p> <p>6 – Freud, Fliess, Cocaína</p>
<b>Vol. X – Nº 3</b>	<p>1 – Indução na Interpretação</p> <p>2 – Sobre a Elaboração Psicanalítica (Comentário de Marialzira Perestrello)</p>
<b>Vol. X – Nº 4</b>	<p>1 – Narcisismo e Vicissitudes do Direito nas Sociedades de Psicanálise</p> <p>2 – Identificação Projetiva e Instinto de Morte (Uma Contribuição à Psicologia do Ego)</p> <p>3 – Novas Sugestões Sobre Elaboração em Psicanálise (Comentário de Paulo Dias Corrêa)</p>
<b>Total</b>	<b>16 publicações</b>

No grupo de textos e artigos “Psicanálise e Prática”, é evidente a ciência psicanalítica em ação quando verificamos o debate desses psicanalistas sobre clínica, atuação profissional e discussões sobre experiências e aplicação da teoria psicanalítica. Sem dúvida, este grupo de textos é o que mais nos possibilita verificar como a ciência psicanalítica vai se constituindo a partir da realidade e experiências que o movimento psicanalítico brasileiro adquire em seu devir, o que nos motiva e instiga a demonstrá-lo em um outro momento.

**Tabela 3: Psicanálise e Prática**

<b>RBP</b>	<b>Título</b>
<b>Vol. X – Nº 1</b>	<p>1 – V Congresso Brasileiro de Psicanálise</p> <p>2 – Discurso na Abertura do V Congresso Brasileiro de Psicanálise em Porto Alegre</p> <p>3 – Critérios para Qualificação de Analistas-Didatas e Peculiaridades da Análise Didática (Subsídios para o V Pré-Congresso Didático)</p>
<b>Vol. X – Nº 2</b>	<b>1 – Considerações Sobre a Análise de Uma Personalidade</b>

	<b>Psicótica</b>
<b>Vol. X – Nº 3</b>	<b>1 – Os Aspectos Fundamentais das Modificações Psíquicas na Prática Clínica: “Espontâneas”, em Psicoterapia de Orientação Analítica e na Psicanálise</b> <b>2 – Uma Abordagem Psicanalítica da Lenda Sul-Riograndense “O Negrinho do Pastoreio”</b>
<b>Vol. X – Nº 4</b>	<b>1 – Experiência Psicanalítica: uma “Novidade” (Comentário de Romualdo Romanowski e Paulo Martins Machado)</b>
<b>Total</b>	<b>07 publicações</b>

Mas nos concentraremos no grupo “Psicanálise e História”, pois nele identificamos um teor próprio de um momento comemorativo e histórico para um periódico científico, um rico debate sobre a existência da Revista, sobre o peso dos seus fundadores e, sobretudo, a concepção histórica e historiográfica dos seus colaboradores-fundadores.

Na Tabela 4: Psicanálise e História, vemos 11 publicações nos 4 números da Revista que relacionam Psicanálise, História e realidade social, isto é, permitem verificarmos como numa revista científica é possível constatar um debate que sai do seu núcleo central de publicação, artigos de discussão sobre teoria científica, e verificar como outras discussões, como a comemorativa e histórica, exprimem a ciência em atividade, em ação.

**Tabela 4: Psicanálise e História**

<b>RBP</b>	<b>Título</b>
<b>Vol. X – Nº 1</b>	<b>1 – Editorial – Mestre de Cerimônias ou Pois é...</b> <b>2 – Pré-História e História da Revista Brasileira de Psicanálise</b> <b>3 – Revista para Sempre</b> <b>4 – Alguns subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise.</b> <b>5 – Dez anos depois</b> <b>6 – 10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise</b>

	<b>7 – História de Trabalhadores</b> <b>8 – Ontem e Hoje</b>
<b>Vol. X – Nº 2</b>	<b>1 – Realidade Social e Psicanálise (Comentário de David Ramos)</b> <b>2 – Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil (Comentário de Danilo Perestrello)</b>
<b>Vol. X – Nº 3</b>	<b>Nenhuma publicação sobre tema</b>
<b>Vol. X – Nº 4</b>	<b>3 – A Psicanálise em São Paulo – Jubileu de Prata, Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch</b>
<b>Total</b>	<b>11 publicações</b>

O nº 1 do volume X, indiscutivelmente prioriza a homenagem aos 10 anos da Revista. Os textos sobre os 10 anos apresentados não estão no rigor de artigos científicos, são textos corridos que apresentam em alguns casos bibliografia. E, o tema discutido, a fundação da Revista, é sempre feito a partir do interesse do autor, isto é, uma valorização de sua ação e determinação em fundá-la e manter a periodicidade contínua. Neste número da Revista, encontramos hegemonicamente os textos sobre a História da Revista e da Psicanálise brasileira, seus autores correspondem aos fundadores da Revista, são eles respectivamente: 1 – Cecil José Rezze e Silvio A. A. Barbosa; 2 – Luiz de Almeida Prado Galvão; 3 – José Nabantino Ramos; 4 – Mário Pacheco de Almeida Prado; 5 – David Ramos; 6 – Gecel Luzer Sztterling; 7 – Antonio Luiz Serpa Pessanha; e, por fim, um dos fundadores da Psicanálise brasileira, 8 – Durval Marcondes.

Todos esses textos e, mesmo os dos números 2 e 4 do volume X, além de demonstrarem a memória desses fundadores, nos dão a característica marcante de visão psicanalítica sobre a história, o aspecto subjetivo e emocional do autor em demonstrar o seu passado e, principalmente, como a realidade social interfere no exercício de sua atuação. Vejamos essa característica logo no editorial “Mestre de Cerimônias ou Pois é...” de Cecil José Rezze e Silvio A. A. Barbosa quando demonstra aspectos subjetivos e fundamentais dos fundadores da Psicanálise:

*HÁ UM MOMENTO EM QUE SE PÁRA E PENSA, E, ENTÃO DE SÚBITO, as lembranças nos invadem. Curioso fato este de que nos invadam necessidades*

*oriundas doutros tempos e lembranças de pessoas de quem até não privamos em certas andanças e empreitadas da vida.*

*Os esforços foram muitos e mais ainda serão necessários. Mas respiremos, façamos um intervalo. Surpreendamo-nos com a poesia de Galvão, a sensibilidade do Nabantino, a firmeza do Mário, a vivência de David Ramos, a experiência do Gecel, o espírito do Pessanha, e a palavra final do Durval, onde tudo começa. Colegas apenas, amigos. Ouçamo-los (RBP, X, nº 1, 1976:5)*

Em todos os textos é explícito a dificuldade que tiveram para fundar e manter a Revista, quando este problema é apontado, a sua superação sempre se deu graças a ajuda econômica de seus pares e às singularidades de seus fundadores. No texto “Alguns subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise”, de Mário Pacheco de Almeida Prado, identificamos o esforço desse psicanalista para a transferência da Revista à Associação Brasileira de Psicanálise e encontramos em seu discurso o relato das dificuldades e das singularidades pessoais de seus fundadores.

*Vale a pena lembrar que, ao ensejo da posse de nossa Diretoria, a R.B.P. havia sido doada parcialmente à A.B.P. pela nossa irmã, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e nessa doação havia sido feita em condições jurídicas precárias, pois ela não era legitimamente proprietária da Revista. A Revista foi criada e mantida inicialmente por uma Sociedade Anônima que arcou com os encargos econômicos e também com a feitura toda da Revista. Foi um ato de bravura e de amor a Psicanálise, como soem ser os movimentos pioneiros. E, naturalmente, os grupos pioneiros também arcam com os ônus da inexperiência. Mas é de justiça assinalar que, sem esse ato de bravura e confiança, e em termos analíticos, diríamos, onipotente, não se teria hoje a nossa Revista. Por isso, prestamos aqui as nossas homenagens a seus fundadores, na pessoa singular do Dr. Durval Marcondes e a de seus sustentadores como Sociedade Anônima, que foram os assinantes e cotistas, na figura de José Nabantino Ramos. (RBP, X, nº 1, 1976:16)*

No nº 3 do volume X, como podemos perceber na tabela 4, não há textos ou artigos que se referem a História da RBP ou da Psicanálise, menos ainda da realidade social. Mas, no nº 2 desse volume, apresenta-se na Revista um tema cuidadosamente trabalhado e voltado aos psicanalistas brasileiros sobre a incidência da realidade social presente. O texto é mais uma vez de Mário Pacheco de Almeida Prado, “Realidade Social e Psicanálise”, antes de ser publicado na Revista, foi apresentado como tema livre no V Congresso de Psicanálise, em Porto Alegre, o que nos confirma a característica da Revista como periódico científico em contemplar o que se discutia e debatia cientificamente no meio psicanalítico. Neste texto, podemos confirmar que a proposta de Almeida Prado é “mostrar como a abordagem psicanalítica mesma desse palpitante assunto pode ser feita

sem fugir ao nosso próprio campo de trabalho e com a nossa própria metodologia” (RBP, vol. X, nº 2, 1976:267).

Neste texto, podemos enumerar dados que demonstram a ciência psicanalítica sendo construída na dinâmica do movimento psicanalítico brasileiro, tais como – o tema é um debate também internacional, o autor demonstra que é um assunto debatido na América Latina, Caracas, Venezuela e traz discussões de relatórios e autores internacionais; o autor fundamenta sua posição com material clínico; o autor apresenta ideias e conceitos próprios que contribuem para a Psicanálise brasileira, refuta as contestações que se fazem à neutralidade no setting terapêutico, mas reconhece as influências da realidade social propondo que o analista reconheça que “dentro do que interpreta entram suas próprias partes, seu modo de ser, suas peculiaridades, suas capacidades e incapacidades, seu modo particular de ver o mundo e as pessoas”, mas Almeida Prado é categórico em afirmar que é “imprescindível que, durante a própria análise, o analista *possa ter se tornado permanentemente apto a reconhecer esse fato e adquira a aptidão a reconhecer a verdade de si mesmo a cada instante, e a cada aqui-e-agora na situação analítica.* (RBP, vol. X, nº 2, 1976:269)

Um dado emblemático e revelador que merece ser discutido a parte desse texto da Revista é a preocupação do autor com a realidade autoritária em influenciar a prática analítica. Muito interessante seu jogo em defender a neutralidade no trabalho analítico, mas aceitando ao mesmo tempo a influência externa no setting terapêutico desde que o analista não deixasse contaminar a análise com o paciente. Essa ideia, na verdade, blindava a possibilidade do Regime Político da época interferir na Psicanálise brasileira. Sabemos que o Regime Militar brasileiro estava, naquele momento, em seu auge repressivo, Almeida Prado, inteligentemente, mostra o problema da interferência autoritária quando ilustra o exemplo da intervenção nazista na Policlínica de Berlim, “que tinha sido fundada e seguia orientação psicanalítica e que recebeu um ultimatum de adaptar-se, acomodar-se dentro de Mein Kampf, de Hitler, caso quisesse sobreviver”. (RBP, vol. X, nº 2, 1976:280). Para Almeida Prado, a violência não deve impedir o exercício da prática psicanalítica que decorre da liberdade de pensar e menos ainda nortear a pesquisa clínica, pois o trabalho do analista estaria comprometido.

*Se porém o analista, como ocorreu na Policlínica de Berlim, introduzir ideias políticas e racistas dentro de si mesmo para nortear a pesquisa clínica, é claro que a pesquisa deixará de ser pesquisa e passará a ser dirigida no sentido de chegar a determinados resultados ou conclusões. (RBP, X, nº 2, 1976:281)*

E prossegue, ressaltando o momento histórico em que estava inserido.

*Parece-me que agora se pretende introduzir novamente ideias sectárias extra-analíticas na mente do analista, para impedi-lo de exercitar livremente seu pensamento investigador. E nisso não estou de acordo de forma alguma. (RBP, X, nº 2, 1976:281)*

Na RBP temos ainda a possibilidade de vermos a discussão dos temas, não apenas a apresentação e informação de um ou outro autor, mas a discussão dos pares sobre a ideia de um autor. Por exemplo, o texto de Almeida Prado é comentado em seguida por um outro texto de David Ramos que reforça a ideia do anterior. Este formato da Revista tem sequência com o texto de Cyro Martins “Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil” e o comentário de Danilo Perestrello, no texto “Comentário sobre o Trabalho: Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil. Neles há uma preocupação em exaltar os primeiros personagens da Psicanálise Brasileira, mas o interessante é a maneira como dividem a História da Psicanálise brasileira. David Perestrello divide a fase dos precursores, a segunda dos pioneiros e a terceira de desenvolvimento.

Esta divisão encontramos na escrita dos psicanalistas e como já dissemos a exaltação dos personagens reflete um certo “heroísmo” dos primeiros interessados pela Psicanálise no Brasil. Mas, sempre é evidenciado a diferença entre profissionais e diletantes pela Psicanálise, estes últimos são chamados por David Perestrello de Bissextos.

*Estes, que podemos classificar de Bissextos, distinguem-se dos profissionais, então em número muito menor. Bissextos, além de Medeiros e Albuquerque, foram Genserico Souza Pindo, do Instituto Oswaldo Cruz (então Manguinhos), o fisiologista, hoje renomado, Aloysio de Paula, Deodato de Moraes, Gastão Pereira da Silva, Antonio Austregésilo e também Henrique Roxo. E muitos outros. Todos escreveram procurar divulgar a “psico-análise”, na grafia da época psycho-analyse. Profissionais, além de Franco da Rocha, foram Porto-Carrero, Murillo de Campos, Carneiro Ayrosa, Arthur Ramos, profissionais porque se interessaram pelo ângulo de especialistas, de psiquiatras que eram, pelas luzes que, vislumbraram podia a Psicanálise proporcionar ao conhecimento da mente humana e a sua melhoria. (RBP, X, nº 2, 1976:295)*

Se no nº 3 do volume X da Revista a exclusividade é de textos e artigos que tratam de teoria e práticas psicanalíticas, surpreende-nos como no nº 4, encerra-se o discurso sobre comemorações e História da Revista e da Psicanálise brasileira. Como vimos na Tabela 04, apenas um texto é dedicado ao tema em meio das discussões sobre teoria e prática psicanalíticas, mas é um texto de três páginas que desfecha a comemoração dos 10 anos exaltando os pioneiros da Psicanálise brasileira. Mensagem desse pequeno e último texto da Revista ao movimento psicanalítico brasileiro é o exemplo e modelo de luta e trabalho que Durval Marcondes e Adelheid Koch deixaram aos futuros psicanalistas, a luta dessa dupla em fortalecer e consolidar a Psicanálise brasileira.

Escrito por Cléo Lichtenstein Luz, membro-efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, o título desse texto “A Psicanálise em São Paulo – Jubileu de Prata. Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch” privilegia e dá voz ao membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, entidade responsável pela RBP em seus primórdios. Para comemorar os 10 anos da Revista, Lichtenstein Luz evoca marcos históricos importantes da Psicanálise em São Paulo e no Brasil a partir da atuação e atividades realizadas por Durval Marcondes e Adelheid Koch.

Na linguagem psicanalítica Lichtenstein Luz associa a figura de Durval Marcondes e Adelheid Koch a de pai e mãe da Psicanálise brasileira, ressalta as origens e formação acadêmica e profissional de ambos. Descreve brevemente a atuação de Durval Marcondes na Psicanálise brasileira a partir de seu ensaio em 1926 apresentado ao concurso para a cátedra de Literatura no Ginásio do Estado, passando pelo cumprimento dado a ele por Freud à edificação da Revista de 1928 e ressaltando a importância da fundação do primeiro grupo de estudo que evoluiu para a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise.

*Em 1928 foi o principal responsável pela publicação da Revista Brasileira de Psicanálise e embora tenha sido editado apenas um número (junho/1928), assinalou a revista de maneira indelével a evolução da Psicanálise no Brasil e foi, também, motivo de carta de Freud, de felicitação e estímulo (27 de junho de 1928).. (RBP, X, nº 4, 1976:508)*

De Adelheid Koch, detalha sua origem e decisão de vir ao Brasil. Segundo Lichtenstein Luz, Adelheid Koch veio ao Brasil orientada por Ernest Jones, motivada pela perseguição nazista e dar forças à Psicanálise brasileira. Em 15 de novembro

de 1936 chega ao Brasil, a médica judia-alemã, cuja formação psicanalítica se deu no Instituto da Sociedade Psicanalítica de Berlim, analisada pelo notório psicanalista da época Otto Fenichel e supervisionada por Salomé Kempner e Tereza Benedek. A Dra. Koch vinha de um meio científico e cultural totalmente diferente, e, embora desconhecendo até mesmo a nossa língua, uniu-se como pioneira da Psicanálise a Durval Marcondes (RBP, X, nº 4, 1976:508). Dessa união resultaria os primeiros analistas-didatas em São Paulo.

*A Psicanálise em São Paulo tinha um Pai, ganhava agora a Mãe. O início foi árduo, encarregando-se a Dra. Koch das análises pessoais, seminários teóricos e supervisões. Este grupo gerou os primeiros analistas-didata em São Paulo: Virgínia Bicudo, Lygia do Amaral, Darcy Uchôa, Henrique Mendes e Isaías Melsohn. Outros didatas foram se formando, juntando-se a eles posteriormente Margareth Gill, Henrique Scholomann e, mais recentemente, Frank Philips, vindos do exterior. (RBP, X, nº 4, 1976:508)*

Graças ao pioneirismo de Durval Marcondes e Adelheid Koch e o trabalho dos primeiros analistas-didatas, vemos no texto de Lichtenstein Luz, a enumeração dos resultados desse trabalho na construção da ciência psicanalítica no ano de comemoração da Revista, 1976: Hoje somos 30 membros efetivos, 36 associados e 89 candidatos em formação, completando a Revista Brasileira de Psicanálise, nascida em São Paulo, 10 anos de existência em sua forma definitiva. (RBP, X, nº 4, 1976:509). E na sua abordagem histórica evoca os principais marcos da Psicanálise brasileira.

*O ano de 1976 comemora importantes marcos históricos da Psicanálise em São Paulo e no Brasil: 50 anos se passaram desde a publicação da tese de Durval Marcondes (1926), a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo completa 25 anos de existência legal, jubileu de prata (1951) e a Dra. Koch faz 80 anos de idade, dos quais metade foi passada no Brasil (1936). (RBP, X, nº 4, 1976:508)*

Ao usar adjetivos como bandeirante, desbravador, lutador incansável a Durval Marcondes e batalhadora, mestra, mãe, irmã, amiga e companheira dos primeiros analistas a Adelheid Koch, Lichtenstein Luz, encerra os 10 anos de comemoração da RBP homenageando esses dois pioneiros da Psicanálise brasileira. Possibilita-nos, dessa forma, entender a maneira psicanalítica de escrever e entender a História, permite-nos identificar um discurso baseado nas condições e características singulares e pessoais do sujeito. Em suas últimas palavras do texto se refere a Durval Marcondes e Adelheid Koch como homem e mulher admiráveis, cuja chama e capacidade de amor e doação não se



extinguiram ou diminuíram com o passar dos anos, as homenagens de nós, psicanalistas que já encontramos os caminhos abertos, quase sem pedras, amaciados, aplainados. (RBP, X, nº 4, 1976:509)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pequena análise que fizemos sobre o tema encontrado “Psicanálise e História” na Revista Brasileira de Psicanálise de 1976, volume X, números 1, 2, 3 e 4, pudemos por em questão como um periódico científico pode se tornar uma rica fonte histórica para a História das Ciências. Foi possível verificar o quanto a ciência psicanalítica se desenvolve não apenas na discussão teórica, mas nas práticas e atividades desenvolvidas pelo movimento psicanalítico brasileiro expresso na Revista.

Percebemos que a revista científica não traz só a discussão teórica, há uma série textos, artigos e paratextos que nos permite identificar a ciência em construção no Brasil. Na RBP de 1976, cada parte de sua estrutura e diagramação nos permite constatar a Psicanálise sendo construída – a descrição do Conselho Editorial na capa, o regulamento proposto sempre na página 2, os artigos científicos ocupando a grande parte da Revista, os textos sobre Psicanálise Aplicada, Sínteses e Comentários, além do Noticiário são partes da Revista que fazem emergir dados para entender a Psicanálise como Ciência em construção.

Neste trabalho, concentramo-nos nos textos e artigos científicos, mas buscamos aqueles que retratavam temas ligados à História, Realidade Social e Comemoração, uma vez que era um volume comemorativo dos 10 anos da Revista. Como dissemos anteriormente, a escolha desse volume comemorativo é por manifestar claramente o debate do movimento psicanalítico brasileiro e, dessa forma, captar claramente as atividades realizadas pelos psicanalistas neste ano.

Sem dúvida, sabemos que outras partes da Revista, pode-nos demonstrar mais claramente a ciência psicanalítica em ação e construção, como o editorial e o noticiário ao final de cada nº da Revista, mas optamos por demonstrar, mesmo que brevemente neste trabalho, os textos e artigos que revelam a ação científica e profissional dos psicanalistas e sobretudo, as particularidades e especificidades da Psicanálise



brasileira, isto é, no periódico científico, como a RBP, encontramos a instigante contribuição brasileira a ciência Psicanálise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Kátia de. Revista Científica e Pesquisa: Perspectiva Histórica. In Dinah Aguiar Población... et. al. **Revistas Científicas: dos Processos Tradicionais às Perspectivas Alternativas de Comunicação**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: Paula, Eurípides Simões de (org.). **Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, v. II.

DANTES, Maria Amélia M. A História das ciência, os documentos e os acervos. In: Yara Nogueira Monteiro (organizadora). **História da Saúde: olhares e veredas**. São Paulo: Instituto da Saúde, 2010.

GOMES, Roger Marcelo Martins. Revista Brasileira de Psychanalyse (1928): a primeira tentativa de difusão da ciência psicanalítica no Brasil. In: **Anais do VII Encontro do Cedap - Culturas Indígenas e Identidades - Impressos periódicos e escrita da História**. Assis: Unesp, 2014.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas In: Carla Bassanezi Pinsky (organizadora) **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Maria Regina Barros da. Periódicos médicos em São Paulo entre 1889 e 1950. In: Yara Nogueira Monteiro (organizadora). **História da Saúde: olhares e veredas**. São Paulo: Instituto da Saúde, 2010.



## **FONTES**

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE.** Vol. X, Nº 1, São Paulo: Rumo Gráfica Editora Ltda, 1976.

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE.** Vol. X, Nº 2, São Paulo: Rumo Gráfica Editora Ltda, 1976.

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE.** Vol. X, Nº 3, São Paulo: Rumo Gráfica Editora Ltda, 1976.

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE.** Vol. X, Nº 4, São Paulo: Rumo Gráfica Editora Ltda, 1976.